

ENSINANDO GEOGRAFIA AOS GEÓGRAFOS: RECORDAÇÕES DO TREINAMENTO DE CAMPO NOS CONTEXTOS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA (IBGE) E DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS (AGB)

Roberto Schmidt de Almeida¹

Introdução: o ambiente técnico e político da Geografia no Rio de Janeiro em seus primeiros anos de atividade

Durante as décadas de 40 e 50 a Geografia brasileira estava dividida em dois grandes segmentos. O que produzia conhecimento para uso na estrutura de ensino, com a formação e o aperfeiçoamento do corpo docente, através dos cursos superiores de Geografia estruturados na Universidade e o novo segmento voltado para a estruturação do sistema de planejamento territorial, do qual o IBGE passou a ser o principal agente, tanto pelo lado da Estatística, quanto pela Geografia, Geodésia e Cartografia.

No entanto, apesar desta aparente dicotomia, ambos sempre estiveram em perfeita conexão, em virtude de suas origens comuns. Entre meados dos anos 30 até o início dos 40, a criação quase simultânea dos cursos formais de Geografia, tanto em São Paulo, na Universidade de São Paulo (USP), posteriormente liderado por Pierre Mombeig, quanto no Rio de Janeiro, através da Universidade do Distrito Federal (UDF) e depois Universidade do Brasil (UB) e da estruturação do sistema de planejamento territorial do governo federal no IBGE foram processos gestados por uma estrutura organizada pelo governo Vargas. Processos gerenciados no nível acadêmico entre 1934 e 1939 pelo geógrafo francês Pierre Deffontaines, que também foi o criador da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), além de professores brasileiros como Carlos Delgado de Carvalho, Everardo Backheuser, Fernando Antônio Raja Gabaglia e outros. No entanto, é fundamental que se entenda, que esta organização técnica foi elaborada num contexto político de nível mais alto, por personalidades como Juarez Távora (*Ministro da Agricultura*), Francisco Luis da Silva Campos (*Ministro da Educação e Justiça*), Gustavo Capanema (*Ministro da Educação*), José Carlos de Macedo Soares (*Relações Exteriores*), Mário Augusto Teixeira de Freitas (*organizador do sistema estatístico nacional*) e Christóvão Leite de Castro (*estruturador do núcleo inicial de geógrafos do futuro Conselho Nacional de Geografia*). Portanto, a Geografia da academia e a do sistema de planejamento no Brasil nasceram juntas e foram

¹ Fundação Getúlio Vargas (Consultor)

Palavras Chave: Formação de Pesquisadores, Geografia, Treinamento de Campo.
Rua Princesa Januária 62 cob. 01 Flamengo CEP. 22 250-090 Rio de Janeiro, RJ
almeidar1@br.inter.net

organizadas tecnicamente, no caso do Rio de Janeiro, pelo mesmo profissional (*Deffontaines*), que seguia os cânones da escola francesa de Vidal de La Blache.

A vinda posterior de outro pesquisador e professor, também francês, Francis Ruelan, entre 1940 e 1956, intensifica essas relações entre os geógrafos cariocas e a Geografia francesa, principalmente em virtude do longo período de sua permanência, além do seu forte carisma para formação de um grande número de profissionais, tanto para ensino, quanto para pesquisa.

Porém, no mesmo período (1940), acontece a invasão nazista da França, impedindo as relações culturais com o Brasil e gerando como conseqüência, no contexto do IBGE, uma reorientação de relacionamentos profissionais com algumas universidades americanas, sob a égide do governo dos Estados Unidos preocupado em garantir a continuidade da influência dos Aliados e construir um anteparo a influência dos nazistas.

Foi sob esta reorientação que o governo americano convida o IBGE a enviar para os Estados Unidos, em 1942, o geógrafo brasileiro Jorge Zarur, que se pós-graduou no curso mestrado da Universidade de Wisconsin, além do posterior envio em 1945, de mais cinco geógrafos ibegeanos para estudos de aperfeiçoamento em universidades americanas. Com isso, abriram-se também outras linhas de pesquisas, principalmente na área de estudos regionais, na metodologia de pesquisa de campo e no processo de colonização.*

É nesse novo contexto que chega o alemão radicado nos Estados Unidos, Leo Waibel para trabalhar exclusivamente no IBGE sobre processos de colonização. Indicado por Fabio de Macedo Soares Guimarães e Orlando Valverde, seus alunos em Winconsin, à Christóvão Leite de Castro, Secretário Geral do agora Conselho Nacional de Geografia (CNG).

A demanda governamental para o estudo dos processos de ocupação do território, via mecanismos de colonização, de certa forma, deu o tom das principais orientações de pesquisa, como por exemplo, os estudos do habitat rural, além das novas interpretações dos processos geomorfológicos. Paralelamente, os estudos urbanos também já estavam tendo um desenvolvimento, principalmente com os trabalhos de Deffontaines no Rio e Mombeig em São Paulo (Deffontaines, 1944 - I e II e Mombeig, 1943).

Na segunda metade da década de 40, a Geografia foi convocada a definir algumas possíveis localizações para a futura implantação do novo Distrito Federal em alguma área do Planalto Central. Era uma espécie de diagnóstico integrado, pois necessitava de avaliações de caráter físico e econômico em duas escalas distintas: a local, para fins de implantação física da futura cidade e a regional, que teria de dar conta das futuras relações

* Fábio de Macedo Soares Guimarães e Orlando Valverde para Winsconsin; Lúcio de Castro Soares e Lindalvo Bezerra dos Santos para Chicago e José Verissimo da Costa Pereira para Northwestern.

econômicas e demográficas da nova capital (Castro,1947 e Guimarães,1949). Mais uma vez, a relação entre a Universidade e o sistema de planejamento (IBGE) mostrou-se forte, com equipes distintas (*Ruelan com a equipe da Universidade e Leo waibel com a equipe do IBGE*), em áreas separadas mas operando em conjunto para não desperdiçar esforços.

É neste contexto que iremos detalhar alguns processos de treinamento profissional que, diferentemente das aulas da Universidade, visavam preparar o pesquisador iniciante na tarefa de investigação geográfica. Foram escolhidas duas arenas de capacitação, a primeira ligada diretamente ao IBGE conhecida como Tertúlias Geográficas e a segunda vinculada a uma associação cultural/profissional a Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), representada aqui pelas primeiras Assembléias Nacionais de Geografia, que se realizaram entre as décadas de 40 e 60.

Ensinando a Pesquisar Geografia no Gabinete e no Campo: as Tertúlias Geográficas do CNG e as Pesquisa de Campo das Assembléias da AGB

A tênue fronteira entre a subserviência, necessária nas fases iniciais, e a autonomia profissional a ser conquistada a posteriori, foi sempre medida por um instrumento crucial, o conhecimento técnico. Certas habilidades também garantiam pontos preciosos para o iniciante. Os exemplos de Miguel Alves de Lima e de Solange Tietzmann Silva, que evoluíram de desenhistas cartográficos para a carreira de geógrafo e que, coincidentemente, tiveram ótimas ascensões para postos de direção, são pontos de referência para um entendimento de que, suas habilidades no desenho e a perseverança em continuar os estudos em direção ao patamar do ensino superior, foram recompensadas ao longo de suas trajetórias profissionais.

As tarefas enfadonhas do início da carreira deveriam ser filtradas pelo olhar de longo prazo usando-se a máxima popular de que “nada é tão ruim que dure eternamente” e temperadas com um entusiasmo contido, sem maiores vassalagens, para não dar a impressão de que estava muito satisfeito com certas tarefas repetitivas, mas que entendia a necessidade do trabalho.

Neste campo, as maiores reclamações sempre vieram de profissionais que perceberam que alguns de seus superiores hierárquicos, em certas ocasiões, não sabiam o que pediam, gerando em muitos casos, uma profusão de tabelas e mapas sem objetivos muito precisos, que muitas vezes eram descartados logo depois.

Olga Buarque de Lima nos fala de uma geração massacrada, que a antecedeu em seu ingresso na casa, quando avaliava a atuação gerencial de Lisia Maria Cavalcanti Bernardes chefiando a última fase da Divisão de Geografia antes de tornar-se Departamento em 1968...

“ Ela era entusiasmadíssima, aquilo passava... trabalhar com ela foi uma das grandes coisas que me aconteceu... era um prazer trabalhar com Lísia, ela dizia eu quero isso... ela não te amolava absolutamente, era apenas eu quero isso, o que você tivesse de dúvidas você ia lá e perguntava... ela dava aquelas orientações todas diretíssimas, extremamente objetivas, quer dizer., criou entusiasmo... até essa fofoca de ter trocado os velhos pelos novos... de ter posto aquele pessoal mais moço nas chefias de serviços da Divisão de Estudos Sistemáticos, foi importantíssimo...”

“ Foi o Roberto Lobato em geografia urbana, Edmon Nimer no clima, Olíndina Mesquita na agricultura, eu fiquei na área de população, quer dizer, então formou técnica e gerencialmente... preparou o pessoal dessa geração que ingressou no final dos anos 50... porque se você ver bem... a geração anterior... a nossa também foi um pouco, mas a outra geração foi completamente massacrada, que dizer, a geração que ingressou no início dos anos 50... quem é que ficou ali um pouco mais de destaque... o Aluísio Capdeville e a Hilda da Silva que morreu em Chicago, Maria Francisca e mais a Rute Magnanini...mas a Rute Magnanini talvez fosse um pouco entre as duas... não sei... mas de certa maneira a Rute Magnanin e a Maria Francisca que foram ótimas técnicas, mas você repara que elas nunca tiveram a força que elas poderiam ter tido...isto é, terem um papel de destaque maior na área de pesquisa...” (Depoimento de Olga Buarque de Lima a RSA).

A constatação de Olga possivelmente teve sua razão de ser, pois foi nos anos 50 que houve uma maior demanda do IBGE por geógrafos, que pelo maior número envolvido, não tiveram as mesmas chances dos anteriores, daí ser possível perceber uma nítida fronteira entre os poucos que se destacaram e a maioria que era “normal”. Só que quase não existiram “normais” na Velha Guarda, eram poucos, foram muito bem treinados e assumiram todos os cargos técnicos que foram sendo criados ao longo da estrutura. Este sentimento de separação entre a minoria dos considerados mais capazes e inclinados à liderança técnica (“A Velha Guarda”) e a maioria dos “normais”, somente pode ser percebido ao final da década de 50 em diante, quando o contingente de pesquisadores aumentou, e os esquemas de treinamento, que eram operados até então, não puderam mais ser implementados naquela escala.

Os exemplos de Deffontaines preparando um grupo mínimo de fundadores, e o de Ruellan formando efetivamente a geração da “Velha Guarda” em escala mais geral, considerando o universo de profissionais em questão, somados ao papel representado por especialistas visitantes como o canadense Pierre Dansereau na Biogeografia, o teuto-americano Leo Waibel na agrária, o americano Preston James na colonização e o francês Jean Tricart na Geomorfologia, foram modelos de referencia da estruturação de uma elite de profissionais que foi considerada quase como uma unidade, apesar das lutas pelo poder e das preferências político partidárias que passaram a acontecer principalmente após 1945.

Guardadas as diferenças que podem ser percebidas entre esses formadores, tanto em termos de dedicação a pesquisa e vontade de ensinar, quanto em termos de especialidades nos diversos ramos da Geografia, é importante assinalar um mecanismo geral de aperfeiçoamento profissional, representado pelas Tertúlias Geográficas do CNG, que ocorreram nos anos finais dos 30 e em toda década de 40.

Uma Tertúlia era, antes de tudo, um fórum técnico onde eram debatidos os principais projetos de pesquisa do CNG, principalmente aqueles que implicavam em grandes trabalhos de campo, que incluíam aplicação de questionários, análise da paisagem, coleta de material (vegetal, mineral, animais etc.). Tudo era debatido à exaustão e cada projeto era avaliado por seus pares, e em alguns casos, por profissionais de outras instituições de governo (o segmento militar participava com muita freqüência dos debates, principalmente quando os projetos envolviam regiões detalhadas por expedições militares anteriores).

Um profissional treinado num fórum como esse tinha grandes possibilidades de tornar-se um bom organizador de pesquisa de campo. Além disso, após os trabalhos de campo e os de gabinete, que ocorriam na fase posterior ao campo ou, em outras palavras, quando o relatório estava concluído... ocorria a segunda Tertúlia. Isto é a reunião de apresentação dos resultados do trabalho e as discussões para aprovação ou não do desempenho dos profissionais envolvidos. Uma boa descrição das Tertúlias foi feita por Everardo Backheuser no Boletim Geográfico (Backheuser, 1943).

Algumas reputações foram elevadas ou destruídas nessas Tertúlias, mas sem dúvida alguma o saldo foi fortemente positivo, principalmente, quando se avalia o desempenho dos profissionais considerados posteriormente como a “Velha Guarda da Geografia do IBGE”.

Com a ampliação dos mecanismos de contratação de profissionais para o governo federal que ocorreu após 1945, o novo quadro funcional da Geografia do IBGE, a partir dos anos 50, não mais podia considerar esse novo contingente de profissionais como homogêneo, nem dar um treinamento quase pessoal, baseado nas Tertúlias da década anterior, gerando assim algumas dicotomias que se acentuaram ao longo dos anos, acompanhando em paralelo, a progressiva decadência do ensino universitário em formar pesquisadores, a não ser em poucos centros de excelência.

No entanto, ainda havia um processo paralelo de formação de pesquisadores, que utilizava a avaliação inter-pares, e que também garantia o acesso de qualquer geógrafo aos trabalhos e metodologias utilizados pelos considerados líderes de suas especialidades. Esse processo era organizado por uma instituição chamada Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e era por ela que os geógrafos das novas gerações do IBGE podiam testar seus conhecimentos teóricos e suas aptidões práticas através de variados modelos de aprendizado.

Uma reunião da AGB impunha aos seus organizadores uma logística muito sofisticada, pois envolvia, além dos espaços tradicionais onde se realizavam as apresentações e os cursos especializados, a preparação de uma pesquisa de campo em alguma área do conhecimento geográfico físico ou humano, com todas as etapas possíveis que uma pesquisa requeria, isto é, equipamentos e pessoal treinado para auxiliar o pesquisador que coordenaria a pesquisa (geralmente um líder incontestado em sua área, podendo ser dos quadros do IBGE ou de alguma universidade considerada de primeiro nível). Essas eram variáveis cruciais nessa logística de preparação, e é importante lembrar que as assembleias da AGB sempre ocorriam em cidades médias e que os principais professores e pesquisadores que iriam realizar a pesquisa, na maioria dos casos não residiam lá e vinham da capital do estado (geralmente de uma universidade), da cidade do Rio de Janeiro (geralmente garantido pelo IBGE) ou da cidade de São Paulo (geralmente garantido pela USP).

Após os trabalhos de pesquisa de campo as equipes reuniam-se em espaços previamente preparados para tabular os resultados, desenhar os gráficos e mapas, escrever os relatórios e treinar as apresentações orais, sob a supervisão dos chefes de equipes, que por sua vez eram supervisionados pelo coordenador geral da pesquisa. Esse tipo de treinamento proporcionava a todos uma oportunidade de aprendizado de pesquisa, mesmo aos considerados “iniciantes”, que podiam assim, equalizar seus conhecimentos com os mais capazes e aprender com eles.

Para os mais avançados, era dada oportunidade de serem avaliados por seus pares apresentando trabalhos, previamente aprovados por uma comissão de programa, e que eram discutidos num fórum semelhante às Tertúlias geográficas que ocorriam no âmbito do IBGE na década de 40. Após a apresentação do pesquisador era dada a palavra aos sócios titulares que faziam a avaliação e discutiam entre si e com o apresentador, todos os aspectos técnicos do trabalho.

Obviamente, o pesquisador teria de mostrar sua determinação e perseverança no trato dos assuntos técnicos exigidos ou a sua genialidade, se fosse o caso. Na maioria das vezes, o processo de aceitação de um profissional por seus pares nas reuniões da AGB durava algumas assembleias, e mesmo antes, o principiante tinha de participar na condição de ouvinte e ser treinado nas equipes dos trabalhos de campo das assembleias, até que pudesse ser aceito como produtor de trabalhos a serem apresentados nos fóruns de debate.

Roberto Lobato Corrêa exemplificou a sua trajetória como agebeano inicialmente vinculando-a a sua “aceitação” preliminar na AGB carioca por um importante membro de sua diretoria e por consequência sua entrada no Departamento de Geografia do IBGE como estagiário...

“ O mecanismo de ingresso foi o seguinte: em 1958, 59, 60 a geografia no Rio de Janeiro era muito limitada, a minha turma de 58 nós éramos sete alunos, a turma seguinte, da sua orientadora Lia Osório, eram quatro alunos só, o número de geógrafos estagiários do IBGE era mínimo, eu consegui através do Antônio Teixeira Guerra me fazer conhecer, eu entrei para AGB em 58...”

- E apresentou trabalho...?(RSA)

“ Apresentei trabalho coisa nenhuma, eu ia a todas as e todas as conferências que a AGB no Rio de Janeiro organizava aqui no Rio e acabei sendo conhecido e quando solicitei para ser estagiário no IBGE, havia possibilidade. Você chegava com a secretária da Divisão de Geografia e dizia: meu nome é fulano de tal, eu quero ser estagiário porque estudo Geografia, estou começando o segundo ano... ela anotava e dizia: olha quando tiver uma vaga a gente chama. Está bem... um belo dia ligaram para minha casa, olha tem uma vaga, está chamando você ir para lá...” (Depoimento de Roberto L. Corrêa a RSA).

Portanto, o papel da AGB na democratização do conhecimento geográfico no IBGE sempre foi fundamental para que não se ampliasse uma estrutura de “castas” entre os profissionais mais jovens.

A importância da AGB é, de fato, motivo de recordações de muitos geógrafos. Orlando Valverde escreveu sobre os primórdios da AGB carioca na publicação Terra Livre (Valverde, 1992) e fez comentários sobre os modelos de atividade da agremiação no número especial de entrevistas da Geosul...

“...Em 1962, a Assembléia de Penedo, que foi talvez a mais proveitosa, no tempo em que Manuel Correia de Andrade era o presidente, eu fiz excursão ao baixo São Francisco, encarregado de estudar a parte agrária; Aziz Ab' Saber fez a parte da Geomorfologia, e Caio Prado Jr. a parte econômica. O relator foi nada menos que o Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, que fez um primor de exposição, com a presença do Bispo de Penedo...” (Depoimento de Orlando Valverde à Geosul 12-13, 1991-1992, p.240)

Speridião Faissol, embora não tendo muitas ligações com a associação, também reconheceu sua importância e comentou sobre os períodos iniciais da AGB...

“...Na realidade eu sempre que faço excursão com os meus alunos, e vamos pelo Vale do Paraíba, eu faço questão de passar em Lorena, Lorena foi onde foi criada a AGB nacional, em 1945, não sei quando, eu era muito jovem, porque tinha a geografia de São Paulo e a geografia do Rio de Janeiro, inimigos mortais, então não tinha muita relação um com outro. O grupo do Rio e de São Paulo "Que loucura, o que nós estamos fazendo? Estamos atrapalhando uns aos outros." Então resolveram fundar a AGB nacional com, senão me engano, 10 sócios efetivos de São Paulo e 10 sócios efetivos do Rio de Janeiro, nós outros

éramos chamados sócios cooperadores, mas nem por isso deixamos de ter feito parte da Ata de Fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, acho que isso é importante, porque ela ia ter a partir daquele momento um papel importante, quer dizer, os jovens geógrafos também faziam parte da AGB e participavam. Você sente que nesse período a idéia da AGB como pesquisa foi demais, a gente fez trabalho no Vale do Paraíba, fez trabalho por todo o lado, havia muito trabalho de campo feito pela AGB mesmo, levando alunos. Lembro-me que o José Veríssimo tinha uma turmas enormes, ele levava todo mundo pelo Vale do Paraíba mostrando as coisas, etc, havia muito trabalho de campo feito pela AGB. Na realidade acho que a AGB fez mais trabalho de campo do que a universidade naquele momento. Depois ela foi refluindo para um patamar mais ideológico e a universidade foi entrando para produzir mais, hoje a universidade é muito mais importante que o IBGE em produzir geografia, isso a gente tem que reconhecer com toda a relação afetiva e afetiva que a gente tem com o IBGE tem que reconhecer que hoje o campo de pesquisa da Geografia é na universidade...” (Depoimento de Speridião Faissol a RSA)

Mas foi Roberto Lobato Corrêa que avaliou bem, quem efetivamente foi agebeano militante ou apenas visitantes esporádicos das assembléias, além de mostrar sua lealdade à associação e lamentar sua destruição no Rio de Janeiro no final dos anos 80...

- Relacionamento da geografia do IBGE e da AGB, um pouco dessa história...(RSA)

“...Olha a geografia, a geografia do Rio de Janeiro era fundamentalmente a geografia do IBGE, primeiro que era o maior corpo de geógrafos existente... Hilgard Sternberg, Berta Becker e Maria do Carmo, principais professores e pesquisadores da UB nos anos 50 e 60 não eram agebeanos... a Maria do Carmo nunca foi agebeana, o Hilgard muito menos e a Geografia do Rio de Janeiro que era geografia ligada à AGB era do IBGE... eu ouvia a Lísia Bernardes falar dos anos 50... da briga entre Rio e São Paulo que era briga entre discípulos de Haroldo de Azevedo, José Araújo Filho, Antônio Rocha Penteadado... por exemplo professores da USP e geógrafos do IBGE, Nilo, Lígia, Geiger, Orlando... menos, mas também participava, Faissol nunca foi agebeano, mas Nilo, Lígia, Elza, Alfredo esses participavam. Bom a partir dos anos 60, quando eu fui a primeira vez a AGB em 62, de 62 a 96 eu só faltei a três AGBs...”

-Uma você estava em Chicago...(RSA)

“ Uma em Chicago em 74, 92 eu não podia, Prudente, em 68 eu estava em Pato Branco em pesquisa de campo, todas as outras eu fui e participei intensamente e também não apenas eu todos os nossos colegas participavam eu acho que as relações foram boas IBGE e AGB eram, IBGE era AGB Rio carioca, isso foi mudando progressivamente a partir do começo dos anos 80 quando infelizmente no meu entender na nova estrutura do DEGEO a AGB foi

progressivamente ficando sem lugar..., e o Departamento de Geografia da UFRJ nunca quis assumir a AGB...”

- Ela ficou um período solta...(RSA)

“...ela ficou solta e foi apropriada por determinados grupos de esquerda é verdade, mas não quer dizer que necessariamente, mas grupos que tiveram a intenção de destruir a AGB Rio de Janeiro, e literalmente, de fato e de direito destruíram-na...” (Depoimento de Roberto Lobato Corrêa a RSA)

Essas palavras de lamento têm sua razão de ser, vindas de um agebeano do final dos anos 50, assim como o geógrafo José César de Magalhães Filho que ingressou no IBGE em 1953 como estagiário convidado por Jorge Zarur, também explicou sua entrada e a intensa participação na associação entre os anos 50 e os 80...

“...em 54 me ofereceram uma proposta para a eu ser sócio cooperador da regional do Rio de Janeiro e aí começou a minha vida na AGB... porque aí eu fui tesoureiro alguns anos, depois fui duas vezes chefe da seção regional do Rio de Janeiro e aí comecei a freqüentar as Assembléias que eram naquele tempo de quinze dias...”

A AGB do Rio era muito ligada ao IBGE, enquanto que a de São Paulo era muito ligada a USP, por isso ela sobrevivia. No Rio, quando acabou a influência dos geógrafos do IBGE na AGB, a AGB do Rio acabou, até que quando eu soube a última vez tinha um sócio pagante... e, modéstia a parte, eu sustentei essa AGB do Rio de Janeiro desde 62 quando eu fui eleito Diretor da Regional até 78 quando, quando eu fui eleito Presidente Nacional da Associação dos Geógrafos Brasileiros e realizei, por uma questão sentimental, o Congresso de Fortaleza, meu pai era cearense então eu disse... bom, vou conhecer a terra do meu pai, Baturité e aí em Belo Horizonte, na assembléia da AGB de Belo Horizonte eu sucedi o Davi Márcio e fiquei de 76 a 78... praticamente no IBGE... eu passei grande parte da minha vida cuidando, trabalhando, pensando, comendo, almoçando, jantando e dormindo AGB.

O Congresso de Fortaleza que, modéstia à parte, acho que foi... se não foi em termos científicos, pelo menos a parte administrativa nunca houve um igual...”

“... Na AGB eu tenho que dividir em duas partes: a minha participação na Seção Regional do Rio de Janeiro e a minha parte, as vezes concomitante, com a AGB nacional, que eu fui tesoureiro, fui secretário, fui participante da Comissão do Boletim geográfico da AGB, eu como disse, fui duas vezes Diretor Regional, fiz uma série de cursos, orientei uma série de cursos convidando grande parte dos geógrafos do IBGE para dar as aulas, dei conferência em função da AGB no Fundão, na Universidade Fluminense, foi aí que comecei a participar no plano nacional.

Em 60 comecei a participar da reunião de Mossoró, ai fui a de Mossoró em 60, Londrina, 62 eu não fui porque minha mãe foi acidentada, mas eu mandei a minha tese do Porto de Paranaguá que foi elogiada pelo Caio Prado Júnior. 1963 foi em Penedo, 1964 foi em Poços de Caldas na era da revolução (entre aspas) e não se podia dizer muita coisa e nós fomos orientados para a falar pouco, em 65 veio o Congresso do Rio do qual eu trabalhei como Secretário, depois em 66 foi Franca, 67, não, 66 Blumenau, 67 Franca, 68 Montes Claros, 69 foi Vitória que eu fui eleito Diretor do Anais e 70 já foi a revisão dos estatutos lá em São Paulo e depois passou de anual para a bienal e não tinha mais nome de Assembléia, passou a ser Encontros, nas quais eu sempre que podia apresentava um trabalho relacionado a energia, indústria, as estruturas portuárias, depois se não me engano foi em Franca e muita participação no Conselho Diretor da Assembléia AGB nacional, mas a nossa organização era muito fechada era quem elegia era o representante das Universidades, o representante do IBGE...” (Depoimento de José César de Magalhães a RSA)

Essas relações estreitas entre o IBGE e a AGB que foram altamente positivas nas fases iniciais dos dois órgãos, e talvez um pouco burocráticas nos períodos intermediários dos anos 60 e ao chegarem a década de 70 começaram a refluir. Percebeu-se um movimento por parte do IBGE, no sentido de diminuir essas relações... o próprio José César reconheceu o processo...

“...eu fui até pintor de mesa da nossa salinha da AGB no DEGEO, o Faissol acabou com ela... nós tínhamos nossa estante, nosso arquivo... fomos parar rapidamente numa sala lá... que depois ele pediu também... fomos parar em baixo da escada lá naquela Seção de Estudos que ainda era no 7º andar... que depois fizeram um puxadinho lá de madeira onde guardava-se os Boletins atrasados, para a vender, e os atualizados lá...assim acabou a geografia no IBGE em questão de localização e ai começou o processo de destruição...”

“ela teve uma sede própria ali na Presidente Vargas, no período da Assembléia de Maceió, mas durou pouco tempo... as brigas políticas afastavam os sócios e a sede foi devolvida... ela foi para a UERJ... a um dois anos eu vim saber que o último Diretor aqui do Rio estava dizendo que não era mais possível continuar porque inclusive só tinha um sócio pagante... as pessoas realmente pensam assim ... se não tem beneficio nenhum não pagam e não participam... só recebo um boletim e olhe lá... vou ficar pagando para a que? Eu também não estou freqüentando...” (Depoimento de José César de Magalhães a RSA)

Entretanto, apesar de reconhecermos o papel desses mecanismos de troca de experiências como as antigas Tertúlias Geográficas e posteriormente as assembléias da AGB, os fatos indicam que foram os projetos de trabalho que combinavam trabalhos de campo com textos escritos, (que podiam ser apenas relatórios internos ou mesmo artigos e capítulos de livros, que em muitos casos eram apresentados nas Tertúlias e nas reuniões da AGB) os

verdadeiros ambientes de formação profissional para os geógrafos do IBGE desde suas fases iniciais.

No processo de co-orientação da tese de mestrado de Vera Cortes Abrantes que trabalhou com o arquivo fotográfico de trabalhos de campo do IBGE (Abrantes, 2000) foi possível verificar a importância dessas excursões, seus organizadores e alguns participantes (que também deram depoimentos orais), na formação profissional dos geógrafos do IBGE e de professores universitários, que ocasionalmente, também trabalhavam em regime de convênios com o órgão.

As informações contidas nos arquivos organizados por Vera Abrantes serviram também para entendermos a importância dos trabalhos de campo e confrontá-los com a documentação formal gerada pelo IBGE através de suas publicações e relatórios.

Por esses arquivos foi possível perceber que a “Velha Guarda” foi duramente treinada no conhecimento do território brasileiro e que o seu saber geográfico foi moldado por essas pesquisas, somando-se a um processo de treinamento geralmente realizado no exterior, onde os pressupostos teóricos também eram ministrados por especialistas em suas respectivas áreas.

Entre 1941 e 1968, período coberto pelo arquivo de fotos de trabalho de campo do IBGE, foram realizadas 170 excursões de campo nas áreas de geografia, sendo que 76 nos anos 40, 34 entre 1950 e 1955, 23 entre 1956 e 1959 e 37 entre 1960 e 1968. A maioria delas gerou artigos e livros escritos por seus participantes, principalmente na Revista Brasileira de Geografia e no Boletim Geográfico.

Grandes projetos como a localização do novo Distrito Federal no interior do país, a Carta do Brasil ao milionésimo, as determinações de fronteiras estaduais, os estudos sobre o relevo do território, os programas de colonização dirigida, o monitoramento do processo de ocupação humana do território, os estudos de acompanhamento da agricultura e pecuária, os projetos de dimensionamento das bacias hidrográficas, o entendimento dos grandes padrões espaciais da cobertura vegetal nativa, os estudos para subsidiar os diferentes modelos de regionalização, o acompanhamento da industrialização e da urbanização, além dos trabalhos de divulgação da Geografia, como foi o projeto da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros ou as coleções da Geografia do Brasil e os diversos Atlas que foram editados. Esses foram alguns dos resultados desses trabalhos de campo, retratados nos documentos oficiais do IBGE e em alguns casos, em documentação de outros órgãos federais e estaduais.

Os campeões desse monumental processo de reconhecimento do território brasileiro tornaram-se evidentemente, os líderes dessa Geografia subsidiadora das ações

governamentais no que tange ao gerenciamento do território brasileiro, e foram os formadores das gerações de profissionais da casa até o início da década de 80.

REFERÊNCIAS

ABRANTES, Vera Lucia Cortes. *Fragments de memória das pesquisas geográficas de campo no IBGE (1939-1968): imagens e representações numa abordagem da história oral*. Rio de Janeiro, 2000, 156p. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) UNI-RIO.

ALMEIDA, Roberto Schmidt de. *A Geografia e os Geógrafos do IBGE no Período 1939-1998*. Rio de Janeiro, Tese de Doutorado em Ciências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2000, 712p.

BACKHEUSER, Everardo. Tertúlias Geográficas. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 1 n. 2, p.5-8, 1943.

CASTRO, Christóvão Leite de. A mudança da capital à luz da ciência geográfica. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.9, n.2, p.279-285, abr./ jun., 1947.

DEFFONTAINES, Pierre. Como se constitui no Brasil a rede das cidades. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 41-148, 1944.

GUIMARÃES, Fabio de Macedo Soares. O planalto central e o problema da mudança da capital do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v.11, n.4, p.471-542, out./ dez., 1949.

MONBEIG, Pierre. O Estudo geográfico das cidades. *Boletim Geográfico [do] IBGE*, Rio de Janeiro, v.1.n. 7, p. 113-137, 1943.

VALVERDE, Orlando. Pré-história da AGB carioca. *Terra Livre*, São Paulo, n. 10, p. 117-122, jan./jul., 1992.

Depoimentos (Memória Institucional do IBGE)

José César de Magalhães Filho a Roberto Schmidt de Almeida

Miguel Alves de Lima a Roberto Schmidt de Almeida

Olga Buarque de Lima a Roberto Schmidt de Almeida

Orlando Valverde a Revista Geosul 12-13, 1991, p. 240 e a Roberto Schmidt de Almeida

Roberto Lobato de Azevedo Corrêa a Roberto Schmidt de Almeida

Solange Tietzmann Silva a Roberto Schmidt de Almeida

Speridião Faissol a Roberto Schmidt de Almeida